

Embate pela inclusão da Escola de Biblioteconomia na lista de construções da UFMG

Maria Luiza Alphonsus de Guimarães Ferreira

Paulo da Terra Caldeira

Entrevista realizada com a Profa. Maria Luiza Alphonsus de Guimarães Ferreira, diretora da Escola de Biblioteconomia da UFMG, gestão 1982/1986, no dia 07.10.2010, na Sala 1000, da Escola de Ciência da Informação da UFMG, pelo Prof. Paulo da Terra Caldeira.

Entrevistador – Profa. Maria Luiza, obrigado por ter aceitado realizar esta entrevista, importante para o registro da história de nossa Instituição. É um prazer poder compartilhar esse momento de reflexão sobre o trabalho desenvolvido em nossa gestão à frente da Escola de Biblioteconomia da UFMG. A primeira parte de nossa entrevista constará de algumas informações sobre a Unidade. Gostaria que a Senhora a caracterizasse em relação à época em que comandou seus destinos, com propriedade e sabedoria.

Profa. Maria Luiza - Minha gestão na diretoria da Escola ocorreu no período 1982/1986, tendo como vice-diretor você, Professor Paulo da Terra Caldeira. Durante parte da nossa gestão, a Escola ocupou uma das alas do prédio da Faculdade de Educação da Universidade. É importante salientar a questão do espaço físico compartilhado com aquela Unidade, uma vez que ela estava se tornando uma instituição itinerante, desde a mudança para o *campus*: foi inquilina, no sexto andar da Reitoria, transferiu-se para o prédio do antigo Colégio Universitário, juntamente com a Faculdade de Educação e, posteriormente, para o terceiro andar prédio da Prefeitura da UFMG, próximo da Avenida Abrahão Caram e do Estádio José Magalhães Pinto (Mineirão), até inaugurar sua atual sede.

Entrevistador – Quais foram as principais conquistas que a EB-UFMG obteve naquele momento e quais foram suas dificuldades?

Profa. Maria Luiza – Durante o mandato, você e eu participamos de inúmeras reuniões convocadas pela Pró-Reitoria de Planejamento e pelo Conselho Universitário, no sentido de se determinar um *ranking* de construções de Unidades acadêmicas no *campus* da Pampulha. Após vários meses e inúmeras reuniões, conseguimos que ela fosse incluída na lista de prioridades de construções, embora a localização definida, atrás do prédio da Faculdade de Letras, tenha sido rejeitada pelos professores e

funcionários da instituição. Coube à Professora Marília Júnia de Almeida Gardini, na gestão seguinte, encaminhar, com sucesso, negociação de mudança de sua localização, justamente o oposto que havia sido previsto, em frente à Faculdade de Letras e à Fafich, estando interligada a elas por corredores e salas de aulas. Foi muito importante o papel da Professora Marília, em sua gestão, no sentido de gerenciar o planejamento e a construção do prédio.

Entrevistador – Quais eram as características dos cursos oferecidos pela Escola (graduação e pós-graduação) naquele momento? Quais foram os tipos de formação, disciplinas, desafios?

Profa. Maria Luiza - O currículo do curso incluía disciplinas técnicas, a par de disciplinas sócio-culturais, que ampliavam a visão da complexidade do campo do trabalho, na área da informação. Anteriormente ao meu mandato, a discussão de um novo currículo mínimo de Biblioteconomia já havia sido colocada como prioridade da Escola. Nós dois, em conjunto com as Professoras do Núcleo de Assessoramento à Pesquisa, Maria Auxiliadora Bahia e Elizabeth Bonfim Araújo, elaboramos um documento preliminar, cuja discussão envolveu amplamente os docentes da Escola e resultou em uma proposta encaminhada aos professores de outras Escolas e Departamentos da área e, posteriormente, foi encaminhado à ABEBD, para aprovação final.

Entrevistador – Quais foram as questões colocadas em relação à sociedade, o mercado de trabalho e à visibilidade da EB fora da UFMG?

Profa. Maria Luiza - É necessário situar, nesse ponto, as questões da Escola e da Universidade, no contexto da situação política do país. Professores, alunos e funcionários da UFMG haviam sido alvo da repressão política, durante o regime militar. Meus mandatos de Diretora (pró-tempore, de setembro de 1978 a julho de 1981) e no exercício da Diretoria, transcorreram no período de maior mobilização nacional pelo fim da ditadura. Foi um tempo de lutar por mudanças, por liberdade de informação e pela democracia.

Devo dizer, também, que esses valores sempre fizeram parte de minhas convicções e das de outros professores da Escola e que eles nortearam mudanças reais, como a proposta do Currículo Mínimo da área. Cito, por oportuno, palavras da Professora Maria Augusta de Nóbrega Cesarino, em minha posse na Diretoria da Escola, em outubro de 1982: "A administração de Maria Luiza acontecerá numa ocasião muito especial para a Universidade brasileira e para a Biblioteconomia. É o momento em que a comunidade universitária está empenhada em elaborar o seu próprio modelo, integrada na sociedade que a mantém. Como bem colocou o Magnífico Reitor, Professor José Henrique [Santos], em seu discurso de posse, devemos estar preocupados em *reinventar* a Universidade, realizar a sua utopia, abrir o caminho do futuro, sem destruir a tradição, renovar e, ao mesmo tempo, conservar.

Há também uma coincidência feliz entre a posse da Profa. Maria Luiza e a aprovação pelo Conselho Federal de Educação de um currículo novo a ser implantado em todas as Escolas do país. Esse currículo é o resultado de outra luta em que a UFMG, através desta Escola, se empenhou arduamente. Vencer resistências às mudanças e propor um currículo, que tem por objetivo preparar pessoas com a consciência crítica do papel que lhes cabe, como profissionais da informação”.

Quando assumi a Diretoria em outubro de 1982, sendo você Paulo, o vice-diretor, a Escola ainda funcionava em uma das alas do prédio da Faculdade de Educação e havia necessidade de expansão demandada pelas duas Escolas. A necessidade de expansão de nossa Escola era anterior à criação do curso de Mestrado em Administração de Bibliotecas, acirrando-se à medida que foram sendo selecionadas novas turmas, havendo época em que foi preciso usar as dependências da Diretoria como sala de aula. Como o problema era o mesmo nas duas Unidades, a Reitoria reconheceu nossas premências e sugeriu a mudança da Biblioteconomia, em 1983, para o prédio da Prefeitura (atual Unidade Administrativa II) até que fosse edificada a futura sede.

Por ter sido novamente uma solução improvisada e ser um prédio administrativo, houve discordância de alguns membros do corpo docente da Escola, mas, mesmo assim, fomos ocupar o terceiro andar da Prefeitura da UFMG, um espaço maior e mais independente.

Entrevistador - Em relação aos cursos (graduação e pós-graduação), naquele momento, quais eram os tipos de formação, disciplinas, desafios?

Profa. Maria Luiza - Em relação aos cursos oferecidos pela Escola, o curso de Mestrado em Administração de Bibliotecas, implantado em 1976, contava com sua própria coordenação e secretaria, utilizando, quando necessário, os demais setores da estrutura administrativa da Unidade. Naquela época, alguns professores já haviam concluído ou estavam cursando pós-graduação no exterior, outros haviam optado pelo curso de Mestrado em Ciência da Informação, ofertado pelo IBBD, atual IBICT.

Entrevistador - Quais eram as características dos professores, funcionários e dos alunos naquele momento?

Profa. Maria Luiza - Fizeram parte do corpo docente do curso de Mestrado em Administração de Bibliotecas professores da Escola, de outras Unidades da UFMG e do exterior. Os alunos eram oriundos de várias áreas como História, Letras, Educação, além de professores das escolas e departamentos de Biblioteconomia do país. O corpo técnico-administrativo era formado por funcionários graduados em diversas áreas, competentes e amigos, o que constituiu um apoio inestimável durante nossa gestão.

Entrevistador – Qual foi a importância da Revista da Escola, do carro-biblioteca e dos laboratórios?

Profa. Maria Luiza - A Revista de Escola de Biblioteconomia da UFMG, iniciada em 1972, foi lançada simultaneamente com a Ciência da Informação, do IBBD. Foi sua intenção constituir-se em um veículo de comunicação, atualização e desenvolvimento dos profissionais da área de Biblioteconomia e Documentação, no Brasil e no exterior. Pelo pioneirismo e qualidade dos artigos incluídos, eles passaram a ser indexados nos principais serviços nacionais e estrangeiros, como a Bibliografia Brasileira de Documentação, *Library Literature* e *Library and Information Science Abstracts*, entre outros.

O Carro Biblioteca, principal serviço de extensão da Escola, sempre atendeu comunidades mais carentes da periferia da Capital, tendo em vista, além de proporcionar lazer às comunidades atendidas, colaborar, também, para a formação do hábito de leitura de alunos de escolas públicas e particulares, cujas bibliotecas, à época, eram precárias ou inexistentes.

Entrevistador – Agora vamos conversar um pouco sobre a área de Biblioteconomia e Ciência da Informação. Como a área era definida à época, quais eram os prognósticos feitos naquele período para o futuro?

Profa. Maria Luiza – Naqueles anos, a sociedade demandava um profissional competente, com cultura geral e conhecimento de idiomas. Já se vislumbrava a chegada da tecnologia da informação: a Reitoria e a Escola de Engenharia contavam com computadores enormes e o IBBD iniciava a implantação do serviço de automação de suas bibliografias especializadas. Durante a nossa gestão, foi criado o Núcleo de Apoio à Pesquisa (NAP), consequência natural das pesquisas que se iniciavam com a implantação recente do curso de mestrado oferecido pela Escola. Ainda durante a gestão, o Conselho Federal de Educação fixou o novo Currículo Mínimo de Biblioteconomia, o Conselho de Ensino e Pesquisa da UFMG, aprovou o Currículo Pleno da Escola e o curso passou a ter duração de quatro anos. Em 1985, a Congregação criou o Laboratório de Tecnologia da Informação e a Comissão de Informática, para possibilitar atendimento mais rápido e eficiente às necessidades de recuperação da informação pelos usuários.

O ensino e a pesquisa sempre foram subsidiados pela Biblioteca da Escola que procurava adquirir acervo de qualidade, atualizado, e contava, em todas as gestões, com a direção de profissionais competentes.

Entrevistador - Professora Maria Luiza, gostaria que a Senhora discorresse sobre os motivos que a levaram a escolher a área, como foi sua chegada à Escola de Biblioteconomia.

Profa. Maria Luiza - Fui aluna de uma das últimas turmas que se matricularam no Curso de Biblioteconomia, quando ele ainda não era uma unidade da UFMG.

Considero importante registrar que o Curso era oferecido em espaço cedido pela Fafich, no porão do Colégio de Aplicação, um prédio vizinho da Faculdade de Filosofia. Desde 1957, o curso passou a ter a duração de três anos. Nossa turma era constituída de pequeno número de alunos, que se formaram no ano em que o Curso mudou-se para o prédio da Reitoria da Universidade de Minas Gerais, em 1963. A formatura ocorreu no auditório da Reitoria, o mesmo prédio para onde a Escola havia sido transferida em 14 de novembro, ocupando todo o sexto andar.

Minha escolha pela área de Biblioteconomia foi fruto do acaso. Cito aqui o livro de Leonard Mlodinow, "O andar do bêbado: como o acaso determina nossas vidas". Eu estava me preparando em um curso pré-vestibular, indecisa, e li, em um jornal da Capital, notícia sobre seleção para o Curso de Biblioteconomia. Marquei entrevista com a fundadora do curso, professora Etelvina Lima, e fui aprovada.

Entrevistador – Professora, gostaria que a Senhora discorresse sobre o currículo do curso de Biblioteconomia. Como foi construída sua carreira acadêmica: os assuntos desenvolvidos como professora, como pesquisadora, os cargos acadêmicos ocupados?

Profa. Maria Luiza - Passei a integrar o corpo docente da Escola em 1967, após candidatar-me a uma vaga em concurso para a disciplina da área de Classificação, na categoria de Instrutor de Ensino, na qual lecionei durante vários semestres. No curso de Mestrado em Administração de Bibliotecas, criado também pela Profa. Etelvina Lima e Ana da Soledade Vieira, lecionei disciplinas da área de Administração. Aposentei-me em 1989.

Segui a carreira acadêmica e, em meu percurso, cursei as disciplinas do curso de mestrado na área de Administração Geral, na Faculdade de Ciências Econômicas da UFMG. Na Escola, ocupei os seguintes cargos: Chefia do Departamento de Biblioteconomia (atual Teoria e Gestão da Informação), Diretora da Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG, Vice-diretoria e Diretora *pró-tempore*.

Entrevistador – Para concluir nossa entrevista gostaria que a Senhora elaborasse uma conclusão sobre a época em que foi diretora da Escola e a realidade contemporânea.

Profa. Maria Luiza – Na década de 1980, o país passava por uma fase de crescimento e as instituições e universidades demandavam informações para seus projetos em andamento. Razão disso, foi o impulso observado na área de Biblioteconomia, com a criação de cursos de graduação e de pós-graduação, de revistas científicas, bibliotecas universitárias e especializadas, principalmente. O que observo, hoje, é a utilização maciça das tecnologias da informação e a rapidez na obtenção

do que se busca. Alguns paradigmas vêm sendo quebrados e a busca pela informação de qualidade é ainda uma constante em todas as unidades de informação e instituições de ensino, pesquisa e extensão.

Entrevistador – Meus sinceros agradecimentos por ter se disposto a passar esse par de agradáveis horas em nosso convívio, lembrando momentos fecundos para todos nós. Obrigado.